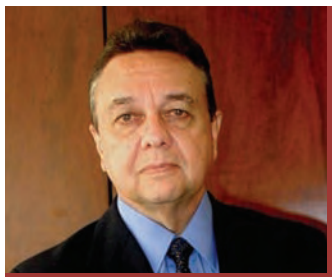


Diário de bordo

Esperteza interiorana



Roberto Rodrigues*

HÁ MUITAS histórias que mostram a esperteza do caboclo brasileiro.

Os livros do Cornélio Pires são antológicos quanto a isso, exibindo a rapidez do raciocínio dos caipiras da região de Tietê. Vale a pena lê-los, até para aprender a lidar com agilidade com situações complexas.

Outro contador de causos é Rolando Boldrin, conhecedor da pureza da alma sertaneja, tão bem delineada, com *finesse*, nas obras de Guimarães Rosa.

Certa vez, um fazendeiro de um pequeno município do interior paulista foi eleito prefeito. Trabalhava todas as manhãs na fazenda e, logo depois do almoço, às 11 horas, como acontece sempre na roça, pegava seu fusca e ia despachar na prefeitura, visitar escolas e o centro de saúde, fiscalizar as obras em andamento.

Numa dessas viagens, deu carona a um caboclo, a meio caminho da cidade. O caboclinho não reconheceu o prefeito-motorista, e logo puxou conversa.

– Vou na cidade falar com o prefeito, por causa que ele prometeu que ia fazer um mata-burro aí na entrada do nosso bairro e até hoje, ó, nada.

O prefeito, achando graça na conversa, foi dando corda ao sujeito, perguntando se ele tinha certeza da tal promessa ou se tinha só ouvido falar, se conhecia o prefeito, e outras provocações.

O caipira, sem papas na língua, logo botou tudo para fora: que não tinha visto

a promessa, mas o compadre dissera ser verdade, e que ia cobrar pra valer do prefeito. Este, divertido, entusiasmou o carona, afirmando que “promessa é dívida” e, se o candidato prometera, deveria ser cobrado com vigor.

Animado e valente, já chegando à cidade, o caboclinho, gesticulando e seguro de si, ia criando mais coragem, quando o prefeito perguntou:

– “E se o homem disser que não faz o mata-burro?”

E o caipira, afogueado e despachado:

– “Sou muito macho, não levo desaforo para casa, mando ele para a p.q.p. no ato, ele vai ver só com quem tá lidando”. ... e acrescentou outros palavões impublicáveis.

O prefeito deixou o sujeito na rodoviária e foi trabalhar.

Lá pelo meio da tarde, o cujo é introduzido à sala de despachos. Claro que reconheceu o motorista da carona, mas não se deu por achado. Nem o alcaide. Ambos fingiram não se conhecer.

E o caboclo contou toda a história, que o candidato tinha passado pelo bairro na campanha, feito a promessa do mata-burro, etc. e tal, que já tinha passado quase um ano e nada, e que ele tinha vindo saber se a obra ia sair ou não, se estava programada e para quando.

E o prefeito, muito sério, de novo, dando corda: “Mas o senhor ouviu a promessa? Tem certeza que ela foi feita? Quando, mais ou menos?” E assim por diante.

Esquivando-se, mas sempre falando a verdade, o caboclinho explicava tudo de novo.

Ao fim da conversa, o prefeito perguntou.

– Mas, meu amigo, e se eu disser que não vou fazer o mata-burro?

O silêncio não durou 3 segundos, suspenso na expectativa da resposta.

– Bão, perfeito, aí é aquilo que nós cumbinemo na viagem...”

Palavra dada, palavra cumprida... ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Alimento barato



Cesário Ramalho da Silva*

MESMO COM o agravamento da crise econômica, o brasileiro continuará pagando barato pela comida. A despeito do arrocho financeiro – custos altos, falta de crédito, endividamento, margens baixas – os produtores rurais garantirão a safra 2008/09. Haverá um pequeno recuo na produção, mas nada que prejudique o abastecimento de alimentos a preços equilibrados. O consumidor não precisa se preocupar. Mais uma vez a agricultura será a âncora verde da economia e contribuirá para manter a inflação sob controle.

Há anos o setor rural segura as contas do País. Se estamos menos vulneráveis nesta crise, é em razão dos resultados do agronegócio. Por exemplo, grande parcela das reservas, que estão sendo usadas pelo Banco Central para controlar a alta do dólar, veio da receita das exportações agropecuárias.

A crise ainda não chegou ao agronegócio. Os problemas surgirão no período da colheita deste ciclo de produção. O agricultor plantou uma das safras mais caras da história e pode enfrentar queda nas cotações das *commodities* agrícolas. É um descasamento perigoso. Se o produtor não obtiver receita no próximo ano, como ficará a safra subsequente? Não é um problema dele, é um problema para o País.

Neste momento, um cenário de incertezas se desenha. O agricultor venderá a